

SOBRE O PAPEL DA LINGUAGEM NOS SISTEMAS ECOLÓGICOS ANTROPOGÊNICOS¹

Wilhelm Trampe (Universidade de Osnabrück)

R e s u m o : Dando continuidade a ideias seminais de Peter Finke, o artigo defende o uso do conceito de ecossistema, chegando a falar em “linguística ecossistêmica”. Nessa perspectiva, tanto nos ecossistemas biológicos quanto nos humanos existem também processos de informação e comunicação, pois também eles são ecológicos. A visão ecossistêmica exige que se encare o objeto de estudo de forma holística, uma vez que tudo está relacionado. O texto caracteriza o ecossistema, inserindo a língua num sistema língua-mundo. As principais características desses ecossistemas são abertura, reciprocidade, complexidade, hierarquização, dinâmica, estabilidade, produtividade e diversidade. Mas, a linguagem é um sistema antropogênico, o que não impede que esteja inserida em um ecossistema, no caso, ecossistema linguístico. Este é a unidade básica dos estudos linguísticos. A organização vai do som, passando pelo fonema até chegar à esfera das línguas. A linguística ecossistêmica é uma nova maneira de se fazer linguística, tornada possível com o advento da ecologia. Um efeito colateral dessa perspectiva é uma conscientização de que somos produtos e afetados pela natureza, mas intervimos nela também.

P a l a v r a s - c h a v e : Ecossistemas naturais, sistema língua-mundo, ecossistemas linguísticos.

A b s t r a c t : As a follow-up of some seminal ideas of Peter Finke, this article defends the use of the concept of ecosystem in language studies, in a kind of “ecosystemic linguistics”. According to this perspective, there are processes of information and communication not only in social ecosystems, but also in biological ecosystems. This optic implies a holistic view of the object of study, since everything is mutually inter-related. The text characterizes the ecosystem, inserting language in a language-world system. The main features of the ecosystem are openness, reciprocity, complexity, hierarchy, dynamicity, stability, productivity and diversity. However, language is an anthropogenic system, what does not impede its inclusion in an ecosystem, namely, the linguistic ecosystem, the basic unity of language studies. The organization goes from the physical sound, passing by the phoneme, the morpheme up to the language sphere. Ecosystemic linguistics is a new way of doing linguistics, made possible with the advent of ecology. A side-effect of this perspective is an awareness of the fact that we are product of and affected by nature, but we can also intervene in it.

K e y w o r d s : Natural ecosystem, language-world system, linguistic ecosystem.

1. Ecologia e linguagem - diversas perspectivas

Desde que Einar Haugen, na década de 1970, utilizou pela primeira vez uma perspectiva que produzia analogias entre ecologia e linguagem, em um artigo intitulado 'The ecology of language' (HAUGEN, 1972), vêm surgindo na linguística diversos conceitos teóricos

¹Traduzido do alemão por Letícia Coroa do Couto.

e de aplicação portando "ecológico" no nome. O amplo leque de abordagens ecológico-linguísticas ou linguístico-ecológicas vai desde a dialético-filosófica (e.g. BANG; DØØR; STEPHENSEN; NASH, 2007) até a cognitivista (e.g. STROHNER, 1996)². As diferentes concepções atingem, em suas fundamentações teóricas, profundidades diversas. A presença do pluralismo – e não sua ausência – vem caracterizando o caso normal na concepção de uma perspectiva ecológica na linguística.

Para a caracterização dessas perspectivas ecológicas na linguística, são utilizados frequentemente os termos "linguística ecológica" ou "ecolinguística", cunhados por Peter Finke (1983) e precisados por Trampe (1990)³. Essa abordagem foi desde o início - ao contrário de outras concepções - sistemicamente alinhada. Ao mesmo tempo, considerações epistemológicas acompanharam a construção do objeto da teoria desde o começo, de modo que abordagens para uma teoria científica ecológica também foram apresentadas (e.g. TRAMPE, 1990; FINKE, 2005). Relações de origem, explicativas e de uso de uma teoria foram tratadas como um todo, de modo que o desenvolvimento da teoria e da linguagem da teoria desempenharam um importante papel. Outras abordagens ecologicamente motivadas trouxeram as questões de uso à tona - especialmente quando se trata da tematização de formas de manifestações de comunicação ecológica ou de diversidade linguística. Compreensivelmente, para a maioria dos representantes da perspectiva ecológica, olhar para o contexto de uso - dados os problemas ambientais que vão se agravando - é mais importante do que olhar para o contexto da explicação. Esta visão e foco relacionam-se com uma compreensão que une muitos linguistas: segundo essa visão, a linguística tem também, no que se refere ao conhecimento, a tarefa de contribuir para a solução da crise ecológica - por exemplo, por meio da crítica da linguagem e do discurso ecologicamente orientados.

Muitos ecolinguistas utilizam-se de métodos tradicionais e de vocabulário pré-estabelecido. No entanto, uma ótica ecossistêmica procura desenvolver uma fundamentação teórica independente em uma perspectiva ecológico-pragmática de linguagem. Dessa maneira, uma concepção teórica se faz necessária, porque somente no contexto dos parâmetros de uma teoria própria determinados fenômenos ocorrem no horizonte do observador e podem ser adequadamente descritos e explicados. Somente

² Uma visão ambiciosa, ainda que não completa, das diferentes abordagens ecológicas na linguística encontra-se em Lechevrel (2011).

³ O primeiro livro foi concebido por Alwin Fill, em 1993.

assim a linguística ecológica teria o *status* de paradigma no sentido de Kuhn (1969)⁴. De um ponto de vista epistemológico, pode-se articular até mesmo a tese de que a linguística ecológica somente será viável quando conseguir ultrapassar a etapa pré-paradigmática, como formulado pelo teórico Kuhn, e aqui impende a diferenciação de uma teoria de linguagem ecológica. De acordo com Kuhn, cada desenvolvimento de um paradigma passa normalmente por duas fases: a primeira fase (pré-paradigmática) caracteriza-se por um alto grau de instabilidade e diversidade, o conhecimento está sujeito a constantes mudanças, falta uma teoria unificada. A segunda fase (paradigmática) caracteriza-se pela estabilidade e um certo grau de uniformidade, estabiliza-se um núcleo de conhecimento e uma relativamente uniforme teoria da linguagem. Através das diversas ideias/trabalhos dos anos oitenta - por exemplo, de Fill, Finke, Enninger/Wandt, Haarmann - e nos anos noventa - por exemplo, de Alexander, Bang/Døør, Fill, Finke, Harré/Brockmeyer/Mühlhäusler, Halliday, Strohner e Trampe -, e finalmente mediante diversos projetos/conferências e *workshops* organizados principalmente por Alwin Fill, a linguística ecológica encontra-se em uma fase de transição, onde se buscam as primeiras abordagens de uma consolidação no âmbito da fundamentação teórica (e.g. BANG; TRAMPE, 2013), sem que isso implique que um pluralismo criativo deva ser abandonado. A abordagem ecossistêmica é, a meu ver, capaz de desenvolver um tipo de teoria integradora que congregue as diversas áreas da ecolinguística. À vista disso, essa abordagem busca, dentro da ecolinguística, finalização, ou seja, uma diferenciação da teoria nas áreas tradicionais de sintaxe, semântica e pragmática, a partir de uma perspectiva ecológica. O objetivo poderia ser que os representantes da ecolinguística compartilhassem uma mesma teoria da linguagem (TRAMPE, 2009).

2. Linguagem, comunicação e informação na ecologia

Quando o biólogo e filósofo popular Ernst Haeckel, em 1866, definiu o termo "Oecologie" como "toda a ciência das relações do organismo com o mundo exterior circundante, em que podemos, no seu sentido mais amplo, incluir todas as 'condições de existência'", não havia ainda pensado na possibilidade de uma linguística ecológica, ou ecologia linguística. Que às relações do organismo com seu meio ambiente também

⁴ O conceito de paradigma permanece aqui - como em Kuhn - nebuloso, porém pode ser bem substituído pelas expressões "estilo de pensamento" ou "pensamento coletivo" (FLECK, 1935).

pertençam processos de comunicação e informação e, para os seres humanos, também processos de linguagem, poderia apresentar-se como uma visão trivial, que não mereceria referência especial. É claro que a sobrevivência de uma espécie depende tanto de processos de informação e comunicação quanto de processos energéticos e materiais; isso vale especialmente para a espécie *homo sapiens* e sua cultura de comunicação.

E sobre a conscientização e a disseminação dessa visão dita 'trivial'? Não somente o monista narcisista Haeckel, apesar de sua ampla definição, deixou de contemplar os processos de comunicação e informação em suas investigações naturo-científicas. Até hoje 'comunicação' e 'linguagem' não são temas centrais na biologia ecológica, nas chamadas ciências ambientais e tampouco na discussão ecológica de modo mais geral (DÖRING; TRAMPE, 2009)⁵. Assim, a visão primeiramente apresentada por mim como 'trivial', de que processos de linguagem, comunicação e informação são igualmente processos ecológicos, mostra-se muito mais do que trivial. Pelo contrário: tanto para os cientistas naturais quanto para os cientistas humanos e sociais parece existir um medo mais ou menos consciente de uma ecologia que integre também processos de comunicação de informação em seu domínio. As razões para essa exclusão e proscrição do conhecimento da integração ambiental e natural dos processos (principalmente) humanos de comunicação - logo, também da linguagem - na chamada discussão ambiental, tem raízes profundas na autocompreensão do homem moderno; elas revelam-se na separação fundamental entre corpo e mente, ser humano e meio ambiente, sujeito e objeto, natureza e cultura, bem como ciências humanas, sociais e naturais.

Dessa maneira, não é de se admirar que também entre linguistas existam temores e apreensões em pensar ecologia e linguagem como ligadas. Outros veem na designação 'ecológico' uma espécie de referência ao espírito da época (*Zeitgeist*), que vem e vai – pois, frequentemente, a etiqueta 'ecológico' funciona como predicado para aumento das vendas. Assim age uma abordagem científica que leva no nome um conceito tão desgastado e o trata com cuidado. De qual 'ecologia' deve-se tratar afinal? O ponto de partida é a visão acima qualificada como 'trivial' de que processos de linguagem, comunicação e informação são processos ecológicos, aos quais pertence também a discussão sobre ecologia.

⁵A fim de tratar dessas relações sistematicamente, a Sociedade de Ecologia Humana inseriu, pela primeira vez, em 2010, o tema "Linguagem, comunicação e crise ecológica" no centro de suas preocupações. As contribuições podem ser encontradas na documentação da conferência: Döring, Martin; Trampe, Wilhelm (orgs.) (no prelo).

3. Características de uma perspectiva ecológica e ecossistêmica

Quando se trata de definir o que distingue uma perspectiva ecológica de linguagem, podem identificar-se diversas características: engajamento ambiental e reciprocidade, totalidade e dinâmica/evolução (cf. também GARNER, 2004: 36ss). O que se quer dizer com isso?

Engajamento ambiental e reciprocidade: a língua é parte do meio ambiente, e o meio ambiente, por sua vez, é influenciado pela língua.

Totalidade: nenhum elemento da linguagem existe isolado, mas sim constitui um todo que contém outros todos, e, por sua vez, é parte de uma totalidade organizada. É desta maneira que entidades linguísticas desde som até os universais estão no âmbito dos 'níveis de organização linguística' (fig. 1: Modelo dos níveis de organização linguística; cf. também Trampe, 1994: 64); para os variados elementos desses níveis vale o princípio da emergência.

Dinâmica/evolução: a linguagem segue os princípios da sucessão, isto é, evolução, não visível nos estágios isoladamente.

O que distingue então uma perspectiva ecossistêmica de uma perspectiva ecológica de linguagem? O ponto de partida da abordagem ecossistêmica é a ecologia biológica - e aqui temos a teoria dos sistemas ecológicos (KLÖTZLI, 1993), que direciona seu olhar para os processos energéticos e materiais. Uma teoria de sistemas ecológicos ampliada - usada aqui como embasamento - leva à integração de processos de informação que se apresentam na linguagem, na comunicação, na cultura etc. Essa reflexão requer uma abordagem inter/transdisciplinar e uma conceituação ecológica transdisciplinar (TRAMPE, 1990)⁶. Em uma abordagem ecossistêmica, modelos de explicação, como conceitos, modelos e princípios da ecologia biológica, são considerados categorias transbiológicas aplicadas à investigação da linguagem. Analogias oferecem para isso um enorme potencial heurístico (TRAMPE, 2000a: 41s). Ocorrem aqui, inevitavelmente, novas questões no campo de visão do observador da linguagem no contexto de sistemas

⁶Gregory Bateson deve ter sido o primeiro a relacionar consistentemente ideias da ecologia com questões de interdisciplinaridade (BATESON, 1972).

ECO-REBEL

ecológicos antropológicos, como sobre a organização da reciprocidade, o significado de constituição de redes, de simbiose, de diversidade e seu aniquilamento, sucessão e evolução, homeostase, poluição etc. Base para a formação das analogias é o conceito de ecossistema e supostos paralelos entre processos energéticos, materiais e de informação. Antes da apresentação do modelo do ecossistema da perspectiva linguística - da teoria do sistema língua-mundo -, fazem-se necessárias algumas observações gerais sobre o conceito e as características dos ecossistemas. Primeiramente uma definição: em biologia compreende-se por "ecossistema" um sistema composto das relações entre seres vivos entre si (biocenose) e com o local onde vivem (biótopo/*habitat*) (SCHÄFER, 2002: 231). Em sistemas ecológicos, há um fluxo contínuo de matéria, energia e informação. Características essenciais de sistemas ecológicos são:

Abertura: ecossistemas são sistemas abertos, que necessitam de permanente troca com o meio ambiente para manter seus estados sistêmicos (equilíbrio de fluxo, estabilidade).

Reciprocidade: ecossistemas apresentam elementos e estruturas bióticas e abióticas. Essas estruturas são ligadas entre si por meio de interações.

Complexidade: ecossistemas são via de regra complexos. O grau de complexidade aumenta com o número de interações que se dão no sistema e com o de seus elementos.

Hierarquização: a organização de unidades complexas mostra-se no Princípio da Emergência. O resultado é a sequência graduada dos níveis organizacionais da matéria desde a partícula elementar até o universo.

Dinâmica: ecossistemas estão em constante fluxo devido à sua abertura, nos variados níveis veem-se desenvolvimentos mais ou menos dinâmicos (por exemplo, também em ciclos). Resultado: processos de sucessão e evolução.

ECO-REBEL

Estabilidade: capacidade de manutenção da produtividade a longo prazo e, com isso, do sistema (princípios: auto-organização, adequação, autorreferência, homeostase), que inclui mecanismos importantes, como concorrência e simbiose.

Produtividade: capacidade de produção de matéria orgânica rica em energia e informação.

Diversidade: capacidade de diversificação - a produtividade e a estabilidade de um sistema permitem um determinado grau de diversidade (importância das espécies raras, princípio da diversidade necessária).

As três últimas características são graduais, não absolutas.

Se processos informacionais antropogênicos (língua, memória, sentidos, pensamento, sentimento, compreensão etc.) forem compreendidos como processos da natureza, a questão inicial de uma linguística ecológica ecossistêmica poderia ser assim formulada: como organismos humanos organizam e incorporam a língua em sistemas ecológicos (em diferentes níveis sociais, complexos e individuais, com diferentes características, como na sociedade, em grupos na empresa, no bairro, na família, especificidade de gênero)? Supõe-se geralmente uma situacionalidade permanente e uma integração ambiental recíproca de linguagem/eventos do discurso.

Uma perspectiva ecossistêmica em um paradigma ecológico da linguística tem a vantagem de fornecer uma modelagem conceitual que se apresenta como uma alternativa aos modelos conceituais que na história da linguística já desempenharam um importante papel, como linguagem como organismo (e.g. Humboldt, Schleicher), como instrumento (e.g. Bühler, Shannon; Weaver), como sistema (e.g. Becker, Saussure), como órgão (e.g. Herder, Condillac), como atividade (e.g. Humboldt, Paul), ou jogo (e.g. Saussure, Wittgenstein). As modelagens conceituais são nesse ponto de particular importância, porque podem assumir, especialmente em fases de transição pré-paradigmáticas, uma função de construtores de teoria.

O modelo ecossistêmico para língua(s) oferece múltiplas vantagens: acolhe aspectos de outros modelos conceituais; é suficientemente complexo para poder acomodar uma variedade de fenômenos linguísticos em uma descrição e explicação; enseja um enorme potencial heurístico, por meio da prodigalidade de possíveis construções conceituais

futuras, para fazer alavancar o desenvolvimento teórico e a pesquisa empírica; é capaz de integrar outras abordagens linguísticas (uniformização de abordagens ecológicas na linguística e semiótica); fornece uma nova visão sobre as causas, consequências e avaliações da crise ecológica e sobre a importância das línguas minoritárias - para citar apenas alguns aspectos (cf. também as obras do autor listadas na bibliografia).

De um modo geral, deve-se procurar comprovar as vantagens aqui discutidas no âmbito do modelo de apresentação da abordagem ecossistêmica central - da teoria dos sistemas língua-mundo⁷.

4. Linguagem como forma de vida: sistemas língua-mundo

"E pensar em uma língua significa imaginar-se uma forma de vida" (WITTGENSTEIN, PU § 19). Numa observação superficial, poder-se-ia entender que Wittgenstein tenha afirmado: língua é uma forma de vida. No entanto, essa citação, também mencionada em outros contextos, somente é apropriadamente interpretável em contexto quando se agrega a noção de "jogo de linguagem" e a frase é alterada adequadamente: falar em jogos de linguagem com determinados tipos e classes de distinções significa também imaginar-se uma forma de vida. Essa asserção é corroborada por outra citação: "A expressão 'jogo de linguagem' deve salientar aqui que o uso da linguagem é parte de uma atividade, ou de uma forma de vida" (PU §23). Orientando-se pela interpretação do conceito de "jogo de linguagem" e "forma de vida" em contextos ecológicos, pode-se desenvolver a seguinte aceção: jogos de linguagem estão sempre integrados em ambientes linguísticos e não linguísticos: nas formas de vida - analogamente para organismos e seus comportamentos, que estão sempre entrelaçados com o ambiente orgânico e inorgânico - em sistemas ecológicos. Da mesma maneira que organismos se relacionam com seu ambiente mediante processos informacionais, energéticos e materiais, reciprocamente, também os seres humanos estão interligados por seus jogos de linguagem ou comportamentos linguísticos em formas de vida.

Se Wittgenstein utiliza o modelo central de linguagem, para sua filosofia posterior como forma de vida, torna-se simples produzir paralelos para a ecologia biológica. E não parece absurdo chamar Wittgenstein de ecologista da linguagem (TRAMPE, 2002a).

⁷ Aqui limito-me à abordagem ecossistêmica da teoria do sistema língua-mundo. Outras abordagens importantes (e.g. de COUTO, 2012) são por ora deixadas de lado.

Observando-se publicações de representantes da perspectiva ecológica de língua, fica claro que o modelo de formas de vida parece adequado para possibilitar o *status* de um acesso uniformizado, trazido à linguagem, por exemplo, por Alexander, Bang/Døør, Döring, Fill, Finke, Harré/Brockmeyer/Mühlhäusler, entre outros.

A partir daqui é apenas um pequeno passo para uma visão ecológico-sistêmica de língua. Formas de vida linguísticas são sistemas língua-mundo, em que estamos conectados mutuamente como organismos usuários da língua com o nosso meio ambiente - ou melhor coambiente (*Mitwelt*)- e, resumidamente, 'mundo'⁸. A partir de uma perspectiva meta-teórica, a teoria do sistema língua-mundo pode ser descrita também como teoria linguística ecossistêmica.

A essência das considerações teóricas, tanto de Wittgenstein quanto da teoria do sistema língua-mundo, é um modelo de língua como componente elementar da forma de vida humana (Wittgenstein), ou do ecossistema antropogênico (FINKE, 1996, prefere falar de ecossistemas culturais).

Nesse ponto, "linguagem" pode ser definida, de uma perspectiva ecossistêmica, como sistema antropogênico de manifestações sociais para a produção de relações e sentidos sobre a base de variadas demandas em variados ambientes.

Se o modelo de forma de vida ou ecossistêmico for mais refinado, produzirá analogias e modelos heurísticos admitidos ou preferidos para a ecolinguística (por exemplo, uma teoria ecossistêmica da metáfora, Trampe, *em preparação*). Sobre a analogia ecossistema

- forma de vida - sistema língua-mundo, podem-se formular tanto generalizações simbólicas (e simultaneamente produzir uma teoria linguística própria), quanto valores comuns, com o resultado de fomentar, por exemplo, uma crítica linguística ecologicamente motivada, ou de reforçar a proteção às línguas minoritárias.

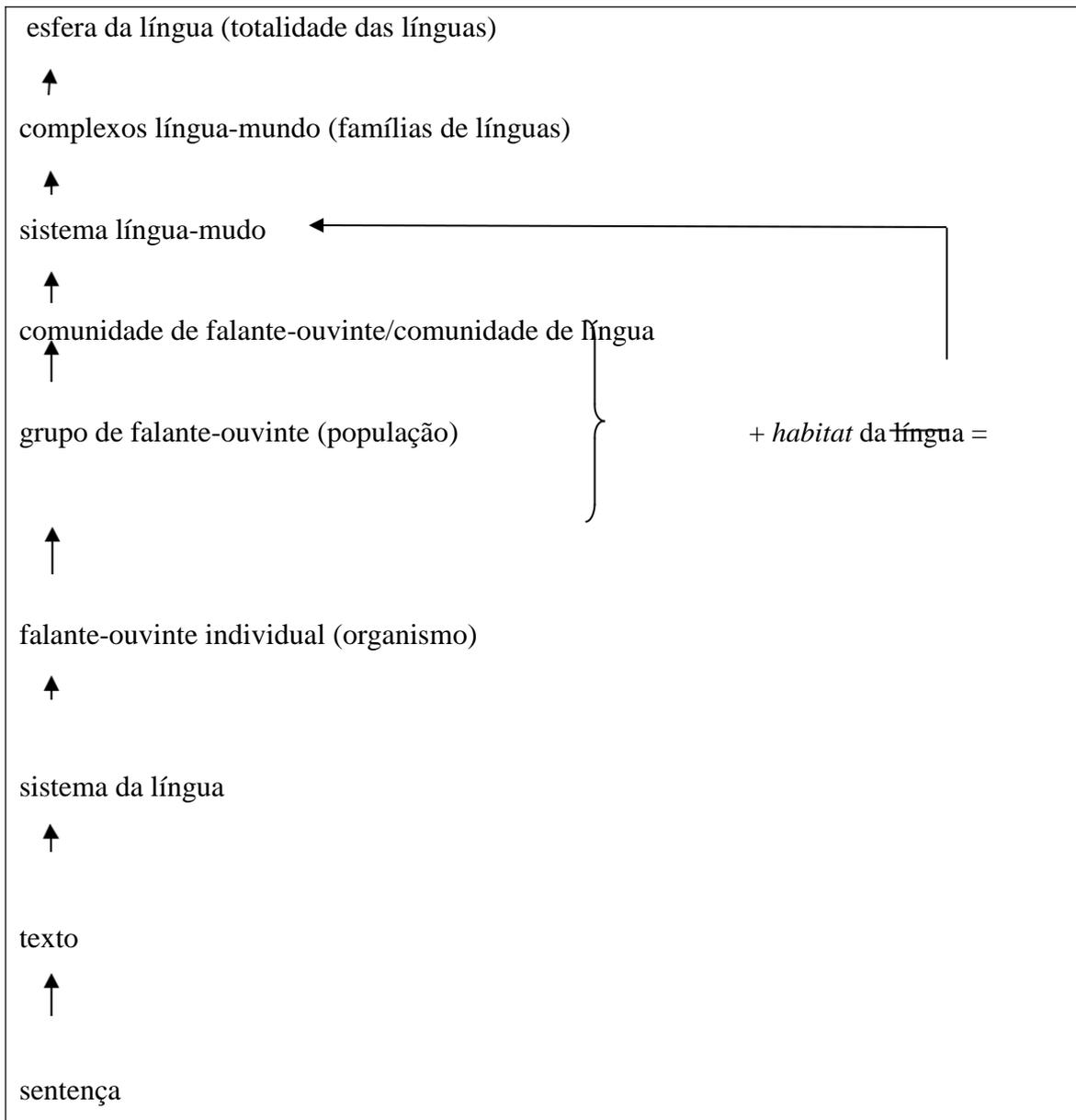
Como na ecologia biológica, a unidade básica aqui é a comunidade linguística supraindividual (biocenose) no seu biótopo linguístico (*habitat*/biótopo), intimamente relacionados. O biótopo linguístico é definido como a gama completa dos fenômenos que determinam o comportamento linguístico e o sistema linguístico de um indivíduo falante-ouvinte de um grupo linguístico de uma comunidade em um determinado local em um determinado tempo, e aos quais os processos linguísticos retroagem (TRAMPE, 1990:

91ss). Uma diferenciação mínima da estrutura e função dos elementos do biótopo

⁸ Para o conceito do sistema língua-mundo no contexto ecossistêmico, cf. primeiramente Finke (1985) e Trampe (1985).

ECO-REBEL

linguístico em 'necessidades linguísticas', 'demanda linguística' e 'meio ambiente' é pré-requisito para a pesquisa da interdependência dos componentes do sistema língua-mundo. A pluralidade das necessidades linguísticas mostra-se em cada função linguística, como na função de sobrevivência, nas funções expressivas, sociais, comunicativas, lógicas, gnosiológicas, criativas etc. A vida natural-linguística, ou as línguas naturais, somente podem sobreviver através de um número suficientemente grande de indivíduos falantes-ouvintes; línguas privadas não são capazes de sobreviver. O modelo de níveis de organização linguística (Fig. 1) fornece uma noção da complexa abordagem ecossistêmica, em que fica claro que nenhuma unidade linguística existe isoladamente.



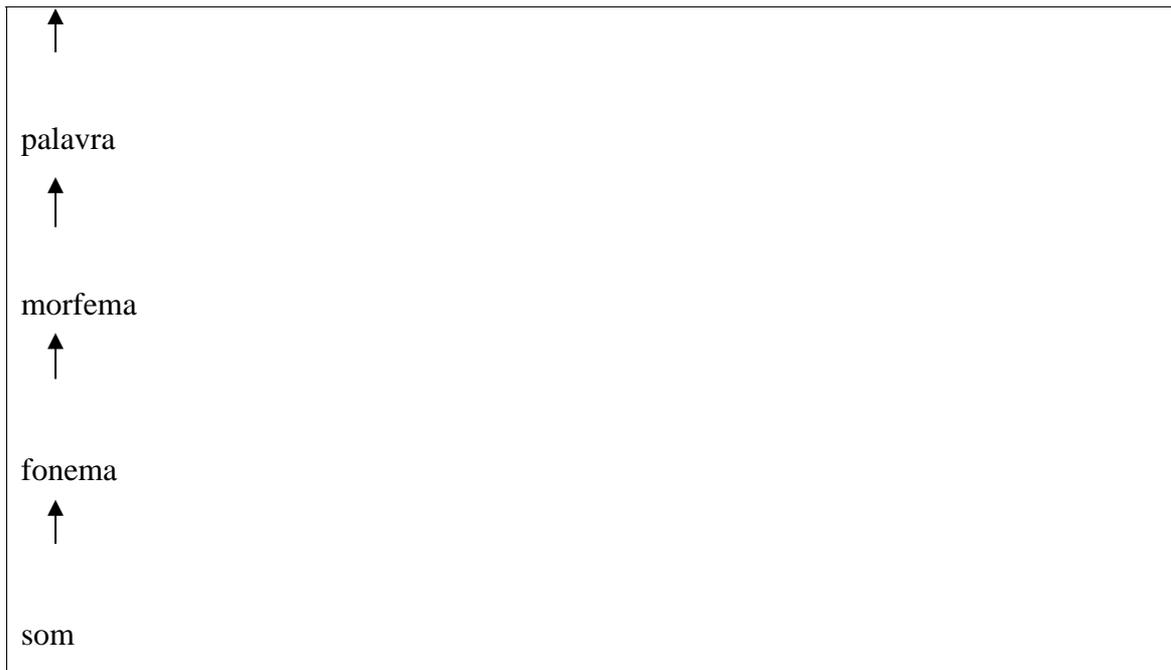


Fig. 1: Modelo de Níveis de Organização Linguística (vistos como entidades holísticas em cada nível)

Para as relações entre os níveis, são importantes ao menos quatro princípios: o princípio da emergência, da integração funcional, do controle marginal e da singularidade.

Emergência: no novo nível, aparece pelo menos uma nova propriedade que excede a soma das partes dos níveis antecedentes. Exemplo: o texto de um romance é mais do que a soma das frases.

Integração funcional: cada nível superior integra cada propriedade do nível anterior funcionalmente. Exemplo: a palavra (por exemplo, composto nominal) integra os monemas em uma unidade semântica funcional.

Controle marginal: o nível superior sofre restrições. Exemplo: para que um texto se qualifique como determinado gênero (por exemplo, um soneto), determinados requisitos devem ser cumpridos.

Singularidade: a criatividade linguística e cada ligação espaço-tempo de articulações linguísticas engendram a singularidade.

ECO-REBEL

Uma vez que uma teoria verdadeiramente diferenciada dos sistemas língua-mundo não pode ser plenamente delineada aqui, devem ser listadas - como também aconteceu para sistemas ecológicos – as propriedades essenciais dos sistemas língua-mundo. Até certo ponto, está clara aqui a conceituação específica de uma linguística ecossistêmica. A importância dessa categorização linguística alternativa para uma construção teórica científica dificilmente pode ser superestimada. Trata-se nada menos do que de uma nova forma de se falar da linguagem, de uma maneira que antes não era possível, para então criar novas possibilidades de explicação.

Abertura: sistemas língua-mundo são sistemas abertos, que necessitam de permanente troca com o meio ambiente para a manutenção de seus estados sistêmicos.

Reciprocidade: sistemas língua-mundo organizam-se em suas estruturas e funções por meio das inter-relações entre indivíduos-falantes-ouvintes, por um lado, e grupos-falantes-ouvintes-comunidade linguística e biótopo linguístico.

Complexidade: sistemas língua-mundo naturais apresentam geralmente uma relativamente elevada complexidade, com um respectivo grau de criatividade e diversidade.

Hierarquização: o modelo dos níveis de organização linguística (Fig. 1) ilustra a hierarquização dos elementos linguísticos em diferentes níveis de complexidade.

Dinâmica: sistemas língua-mundo estão em constante fluxo devido à sua abertura e buscam o equilíbrio de fluxo. A dinâmica revela-se em estágios de sucessão do sistema língua-mundo (incluindo princípios específicos de sucessão, como a formação de nichos linguísticos) a longo prazo na evolução de sistemas língua-mundo.

Estabilidade: capacidade de manutenção a longo prazo da criatividade de sistemas língua-mundo e, com isso, do sistema (princípios: auto-organização, adequação,

autorreferência, homeostase), que inclui mecanismos importantes, como concorrência e simbiose.

Criatividade: capacidade de gerar novos componentes linguísticos e relações língua-mundo não antes realizadas em um sistema supraindividual. Podem ser instituídas novas relações língua-mundo tanto através de modificações de combinações sintáticas quanto através de neologismos no nível lexical. A criatividade da língua é na verdade uma criatividade do sistema língua-mundo.

Diversidade: capacidade de diversificação linguística. Um elevado grau de criatividade e estabilidade é associado, via de regra, a um alto grau de diversidade (hipótese da diversidade-estabilidade). A perda de diversidade linguística é geralmente um sinal de sucessão regressiva de sistemas língua-mundo.

O surgimento de opções linguísticas individuais, cuja complexidade expressa-se na representação dos níveis de organização linguística e das funções linguísticas, pressupõe um complexo de necessidades linguísticas/estruturas de demandas linguísticas e condições de vida que dão forma à estrutura do biótopo linguístico.

Neste ponto, vale ressaltar que as apresentações devem ser descritas muito fragmentariamente. Aqui pode-se remeter somente às representações detalhadas vistas em Trampe (1990, 1996). Mesmo que pareçam abstratas, essas afirmações são passíveis de revisão empírica. A empiria apresenta, também para a abordagem ecossistêmica, as hipóteses centrais da instância geradora e verificadora⁹. No que concerne ao método empírico em si, de uma perspectiva ecológica de língua, é de especial importância a observação e descrição dos objetos de conhecimento em ambientes naturais - em situações de vida reais.

A tese de partida da teoria dos sistemas língua-mundo é a de que o tipo de processo informacional central em sistemas ecológicos antropogênicos é a língua¹⁰. Também associado a isso, sob a perspectiva fenomenológica, está um outro tipo de processo relativo à língua de especial importância: o processo da formação de experiência.

⁹O que não vale generalizadamente para outras abordagens teórico-sistêmicas (e.g. teoria do sistema social, de Luhmann).

¹⁰ Para a complementação das perspectivas ecolinguísticas seria útil a incorporação de um prisma ecossemiótico (TRAMPE, 2000, 2006, 2008).

5. Sistemas língua-mundo como sistemas experienciais

O nível de descrição fenomenológica na abordagem ecossistêmica baseia-se em processos de experiência que se formam a partir da interação recíproca entre os indivíduos falantes-ouvintes e o biótopo linguístico. Todos os comportamentos de um indivíduo falante-ouvinte nos sistemas língua-mundo estão ligados a acontecimentos e suas necessidades, sentimentos, ideias, valores e intenções. Sob uma perspectiva fenomenológica, sistemas língua-mundo são, portanto, sistemas de experiência, no sentido de que se desenvolvem a partir de experiências com o mundo social, cultural e natural e de experiências subjetivas. Por conseguinte, sistemas língua-mundo podem ser compreendidos como sistemas de experiência de segunda ordem. Em sistemas língua-mundo, encontra-se então 'experiência congelada'. A característica da abertura de sistemas língua-mundo garante que o ser humano não viva em uma realidade cognitiva autônoma, mas primordialmente em complexos contextos de experiência. Se as estruturas em sistemas língua-mundo mostram-se relativamente sustentáveis ou muito estáveis, deve-se atribuir essa característica às respectivas estruturas de experiência permanentes. Nos elementos, estruturas e funções de sistemas língua-mundo naturais, estão inseridas informações e experiências que não precisam ser conscientes, de maneira que quem fala uma língua não precisa ser capaz de analisá-la. O fato de que os sistemas língua-mundo podem nos fornecer e conservar uma riqueza de experiência de enorme importância mostra-se significativo na valorização de sistemas língua-mundo indígenas ameaçados. Principalmente as experiências naturais são acomodadas nos sistemas língua-mundo, que podem nos fornecer valiosas percepções sobre o convívio com a natureza¹¹. Os sistemas língua-mundo tanto são produtos das experiências quanto, ao contrário, as conduzem. No entanto, não determinam nossas experiências, como seria de se supor em uma interpretação ingênua da hipótese Sapir-Whorf (WHORF, 1956).

Dessa maneira, nos sistemas língua-mundo naturais, as formas gramaticais e lexicais podem ser vistas como formas linguisticamente convencionalizadas da seletividade e perspectividade da formação de experiência.

De modo geral, os seres vivos somente podem sobreviver se também seus sistemas de comunicação e experiência forem capazes de sobreviver. Ao propiciar orientação no

¹¹Entre outros, ocupou-se deste tema especialmente Mühlhäusler (2003).

convívio com o meio, em última instância com a natureza, nossos sistemas língua-mundo cumprem uma função de sobrevivência. Com isso, é típico para diferentes sistemas língua-mundo que determinados aspectos da experiência natural sejam omitidos ou esclarecidos, favorecidos ou prejudicados.

Dada a crise ecológica, é de suma importância considerar quais acessos a experiências linguísticas revelam-se nas formas lexicais, sintáticas e discursivas no nosso convívio com a natureza. Para a questão de como nos relacionamos com a realidade da natureza nas nossas declarações (mediadas por tradição, educação, experiência), sem dúvida não existe resposta simples. Nos processos das práticas socioculturais, originam-se e desenvolvem-se, por meio da linguagem, formas de vida específicas no convívio com a natureza. Para identificar a base ideológica da criação dos sistemas língua-mundo, deve-se utilizar o termo "visão de mundo" (Humboldt). Visões de mundo contêm imagens de mundo e imagens da natureza, correspondem a determinadas perspectivas linguísticas de natureza, bem como estas manifestam-se nas visões de mundo de nossa realidade experienciada. Os esforços de proteção e manutenção do ambiente natural em sua diversidade e produtividade têm sido até o momento fixados em aspectos materiais e energéticos. Procura-se, por meio de campanhas de esclarecimento, levar às pessoas a postura de comportar-se com responsabilidade ecológica. No entanto, ignora-se aqui que nosso uso linguístico atual sugere um acesso à natureza e uma avaliação de estados de coisa ecológicos que dão forma a nosso mundo de experiência, a qual não consegue captar estados de coisas relevantes adequadamente de modo ecológico.

Na reflexão sobre nossos atuais sistemas língua-mundo, impõe-se, não somente a partir de uma ética ecocêntrica ou biocêntrica (cf. e.g. KREBS, 1997), a consideração de que, linguisticamente, muitas vezes favorecemos uma visão hostil ou inviável da natureza, sem que o indivíduo falante-ouvinte necessariamente esteja consciente. Sob o ponto de vista ecossistêmico da língua, a linguística institui-se como um importante contexto de uso, em que também se descobrem causas para o surgimento de crises ecológicas através de análises das formações de perspectiva de natureza. Já existem inúmeras pesquisas parcialmente relacionadas à abordagem ecossistêmica: por exemplo, Alexander (2009), Döring (2005), Fill (2003), Harré; Brockmeier; Mühlhäusler (1998), Trampe (1991b, 2001, 2002b).

Se a crise ecológica pode ser concebida como uma crise de comunicação, que se manifesta em particular linguisticamente, então pode-se exigir que a linguística ecológica, nesse

contexto, ofereça uma importante contribuição para a superação da crise, pois a concepção de mundo que, acredito, quase todos os ecolinguistas compartilham é a de que a linguística deveria ser útil à sociedade e contribuir para a preservação da diversidade e da criatividade linguística em variados níveis organizacionais, por exemplo, do indivíduo, para a proteção da diversidade de formas de vida linguísticas, e, com isso, das línguas minoritárias. Além disso, há consenso de que os resultados das pesquisas devem ajudar a garantir a sobrevivência e a diversidade natural da espécie homo sapiens.

Referências

- ALEXANDER, Richard. *Framing Discourse on the Environment. A Critical Discourse Approach*, Nova York: Routledge, 2009.
- BANG, Jørgen Christian; DØØR, Jørgen; Steffensen, Sune Vork; Nash, Joshua. *Language, ecology, and society: a dialectical approach*. Londres/Nova York: Continuum, 2007.
- BANG, Jørgen Christian; TRAMPE, Wilhelm. Aspects of an Ecological Theory of Language. In: *Language Science*, 40, Novembro 2013 (no prelo).
- BATESON, Gregory. *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1972.
- COUTO, Hildo, Ecosystemic Linguistics. In: www.meioambienteelinguagem.blogspot.com (acesso: 29/10/2012), p. 9–24.
- DÖRING, Martin. „Wir sind der Deich“: *Die metaphorisch-diskursive Konstruktion von Natur und Nation*. Hamburg: Dr. Kovač, 2005.
- _____; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (orgs.). *Language, Signs and Nature: Ecolinguistic Dimensions of Environmental Discourse*. Tübingen: Stauffenburg, 2008.
- DÖRING, Martin; TRAMPE, Wilhelm. Die Sprache der Ökologie und die Ökologie der Sprache(n). In: *Gaia* 2, 2009, p. 172–174.
- DÖRING, Martin; TRAMPE, Wilhelm. Sprache, Kommunikation und ökologische Krise. In: *Gaia* 1, 2010, p. 78-80.
- DÖRING, Martin; TRAMPE, Wilhelm (orgs.). *Sprache, Kommunikation und ökologische Krise*. Münster: Monsenstein und Vannerdat, no prelo.
- FILL, Alwin. *Ökologiestik. Eine Einführung*. Tübingen: Narr, 1993.
- _____. Giftkrieg, Schweiß und Blumen. Metapher und Metonymie in umweltrelevanten Texten. In: YÜCE, N.; PLÖGER, Peter (orgs.): *Die Vielfalt der Wechselwirkung. Eine transdisziplinäre Exkursion im Umfeld der Evolutionären Kulturökologie*, Freiburg: Alber 2003, p. 145-159.
- _____; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The Ecolinguistics Reader. Language, Ecology and Environment*, Londres: Continuum, 2001.
- FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (orgs.). *Colourful Green Ideas*. Berna: Peter Lang, 2002.
- FINKE, Peter. Politizität. Zum Verhältnis von theoretischer Härte und praktischer Relevanz in der Sprachwissenschaft. In: FINKE, Peter (org.). *Sprache im politischen Kontext*. Tübingen: Niemeyer, 1983, p. 15–75.
- _____. Sprache als *missing link* zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: Fill, Alwin (Hrsg.). *Sprachökologie und Ökologiestik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996, p. 27-48.
- _____. *Die Ökologie des Wissens*. Freiburg: Alber, 2005.

- FLECK, Ludwig. *Entstehung und Entwicklung einer wissenschaftlichen Tatsache*. Einführung in die Lehre vom Denkstil und Denkkollektiv. Frankfurt: Suhrkamp, 1980. GARNER, Mark. *Language: An Ecological View*. Oxford: Peter Lang, 2004.
- HAECKEL, Ernst. *Generelle Morphologie der Organismen* vol. 2: Allgemeine Entwicklungsgeschichte der Organismen, Berlin: Georg Reimer, 1866.
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *Greenspeak*. A Study of Environmental Discourse. Southand Oaks: Sage, 1998.
- HAUGEN, Einar. *The ecology of language*. Essays by Einar Haugen. Edited by A.S. Dil. Stanford University Press, 1972.
- KLÖTZLI, Frank A. *Ökosysteme*. München: Fischer, 1993, 3^a. ed.
- KREBS, Angelika (org.). *Naturethik*. Grundtexte der gegenwärtigen tier- und ökoethischen Diskussion. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.
- LECHEVREL, Nadège. *Les approches écologiques en linguistique : enquête critique*. Louvain-la-Neuve: Editions Academia, 2011.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. *Language of Environment: Environment of Language: A Course in Ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.
- SCHÄFER, Matthias. *Wörterbuch der Biologie*. Jena: Gustav Fischer, 2002, 3^a ed.
- Strohner, Hans. Die neue Systemlinguistik: Zu einer ökosystemischen Sprachwissenschaft. In: FILL, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996, p. 49–58.
- TRAMPE, Wilhelm. *Sprache-Welt-Systeme und Ökosysteme*. Exame de Estado, Universidade de Bielefeld (ms), 1985.
- _____. *Ökologische Linguistik*. Grundlagen einer ökologischen Sprach- und Wissenschaftstheorie. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.
- _____. Ökologie der Sprache. Eine ökologische Perspektive in der Linguistik. In: Eberhard KLEIN; DUTEIL, Françoise Pouradier; WAGNER, Karl Heinz (orgs.). *Betriebslinguistik und Linguistikbetrieb* 1. Tübingen: Niemeyer, 1991a, p. 605–611.
- _____. Sprache und ökologische Krise. Aus dem Wörterbuch der industriellen Landwirtschaft. In: FELDBUSCH, Elisabeth; POGARELL, Reiner; WEIß, Cornelia (orgs.). *Neue Fragen der Linguistik*, vol. 2: Innovation und Anwendung. Tübingen: Niemeyer, 1991b, p. 143–149.
- _____. Kommunikationsökologische Kompetenz. In: DARSKI, Józef; VETULANI, Zygmunt (orgs.). *Sprache – Kommunikation – Informatik*. Tübingen: Niemeyer, 1993, p. 605–611.
- _____. Ökosysteme und Sprache-Welt-Systeme. In: FILL, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenberg, 1996, p. 59 -76.
- _____. Against Ecological Correctness. In: BRINKHUIS, Frank; TALMOR, Sascha (orgs.). *Memory, History and Critique: European Identity at the Millennium*. Cambridge: MIT Press, 1998, p. 1–4.
- _____. Auf dem Weg zu einer Informationsökologie. In: *Zeitschrift für Kommunikationsökologie* 4, 2000a, p. 4–48.
- _____. Von einer Ökologie der Sprache zu einer Ökologie der Zeichen. In: KETTEMANN, Bernhard; PENZ, Hermine (org.). *ECOnstructing Language, Nature and Society*. Tübingen: Stauffenberg, 2000b, p. 85–104.
- _____. Language and Ecological Crisis. Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. In: FILL; Alwin; Mühlhäusler, Peter (orgs.): *The Ecolinguistics Reader*. Language, Ecology and Environment. Londres: Continuum, 2001, p. 232 – 240.
- _____. Die Sprachökologie Wittgensteins. In: *Zeitschrift für Kommunikationsökologie* 1, 2002a, p. 6–13.

- _____. Gibt es einen biozentrischen Sprachgebrauch? In: RAPP, Reinhard (org.): *Sprachwissenschaften auf dem Weg in das dritte Jahrtausend*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002, p. 529 – 537.
- _____. Ökologische Linguistik und Humanökologie. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (orgs.). *Colourful Green Ideas*. Berna: Peter Lang, 2002c, p. 89–102.
- _____. Ökologielinguistik in der Mediengesellschaft. In: *Zeitschrift für Kommunikationsökologie* 2, 2003, p. 6–15.
- _____. Eine ökologielinguistische Perspektive auf Minderheitensprachen und bedrohte Sprachen. *Comunicação no encontro da GAL ,Mehrsprachige Individuen – vielsprachige Gesellschaften'*. Universität-Gesamthochschule Wuppertal, 2004, (no prelo).
- _____. Naturmetaphern: Verhüllung und Enthüllung zugleich. In: Genske, Dieter; Huch, Monika (orgs.). *Kartographie des Verhüllten*. Trabalhos apresentados no 11^o Internationalen Kongresses der Deutschen Gesellschaft für Semiotik DGS in Frankfurt/Oder, 2005, p. 89–101.
- _____. Zur Notwendigkeit einer ökologischen Semiotik. In: HESS-LÜTTICH, Ernest W. B. (org.): *Öko-Semiotik: Umwelt- und Entwicklungskommunikation*. Tübingen: Francke, 2006a, p. 57–75.
- _____. Was heißt und zu welchem Ende studiert man ökologische Linguistik? In: KÜRSCHNER, Wilfried; RAPP, Reinhard (org.): *Linguistik International*. Lengerich: Pabst Science Publishers, 2006b, p. 631–645.
- _____. Sprache im Deutschunterricht aus ökologielinguistischer Perspektive. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine (orgs.). *Sustaining Language. Essays in Applied Ecolinguistics*. Berlin: LIT, 2007a, p. 215–236.
- _____. Naturmetaphern – Enthüllung von Verhüllung zugleich. In: *KODIKAS/CODE Ars Semiotica. An International Journal of Semiotics* vol. 30. n. 3/4, 2007b, p. 199-204.
- _____. Sign-World-Systems. In: DÖRING, Martin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (orgs.) (2008): *Language, Signs and Nature. Ecolinguistic Dimensions of Environmental Discourse. Essays in Honour of Alwin Fill*. Tübingen Stauffenburg, 2008, p. 39–58.
- _____. Naturmetaphern und Naturkonzepte. In: SOULEIMANOVA, Olga (org.). *Language and Cognition: Traditional and New Approaches. Proceedings of the 40th International Colloquium of Linguistics in Moscow 2005*. Berlin: Peter Lang, 2010, p. 301-309.
- _____; TRAMPE, Cristina. Zur Bedeutungskonstitution von Begriffen in Ökologie-Lexika in Spanien und Deutschland. In: HALWACHS, Dieter W.; STÜTZ, Irmgard (orgs.): *Sprachen – Sprechen – Handeln* 1. Tübingen: Niemeyer, 1994, p. 275–282.
- WHORF, Benjamin L. *Language – Thought – Reality. Selected Writings*. Cambridge: MIT Press, 1956.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Untersuchungen* 1. Frankfurt: Suhrkamp, 1953.